

Lutzenberg faz sucesso entre os ingleses

O professor José Lutzenberger, secretário especial do Meio Ambiente, foi ovacionado ontem pelo príncipe Charles e outros 300 participantes de uma conferência sobre Florestas Tropicais, promovida em Londres pelo movimento "Amigos da Terra", ao atacar com a mesma veemência os que destroem a Amazônia, na Amazônia, e aqueles que o fazem promovendo "um capitalismo sem futuro" e um "consumo sem freios" nos países industrializados.

"Mudem vocês que nós mudaremos com vocês", disse o secretário do Meio Ambiente, referindo-se aos países industrializados e ao tipo de desenvolvimento econômico que estão buscando. Depois de deixar a assistência a par do que está acontecendo no Brasil, Lutzenberger partiu para o ataque contra os países industrializados e ricos. Segundo ele, a perestroika não é, como estão dizendo, uma vitória do capitalismo ocidental, porque o capitalismo que se pratica no ocidente também necessita de uma perestroika. "Um capitalismo desse jeito não tem futuro."

Segundo ele, não pode haver futuro para um capitalismo que incentiva o consumismo irracional e parece querer pôr um carro nas mãos de cada cidadão do mundo. "É um pecado viver do jeito que vivemos ou queremos viver."

Ele disse também que acha uma contradição a expressão "crescimento sustentado", porque a natureza não suportaria tal crescimento. É preciso, afirmou, colocar lógica no crescimento, adequá-lo ao meio ambiente, e agir de forma a manter o equilíbrio entre a humanidade e a natureza.

Encerrado o seu pronunciamento, foi dado um tempo aos presentes para que fizessem per-

guntas. E respondendo a uma delas, Lutzenberger disse que estivera com o presidente Collor na semana passada e pedira a ele a extinção da Funai, que considera um organismo ineficiente, inchado de pessoal carcomido pela corrupção.

Na entrevista à imprensa, que deu antes de ir almoçar com o Príncipe — Charles permaneceu aguardando por ele até o final — Lutzenberger disse que as Forças Armadas vão ajudar o governo a impedir queimadas ilegais e o Tráfico de madeira na Amazônia, e confirmou a intenção de Brasília de obter recursos para o Ibama dentro e fora do Brasil.

Antes dele, o príncipe herdeiro havia discursado e proposto a criação de um código de conduta para as companhias que operam nas florestas tropicais. O mundo desenvolvido, ele disse, não deveria olhar para as florestas simplesmente como uma "oportunidade de negócios". E disse mais. Depois de lembrar que "um dos aspectos mais injustos do desenvolvimento humano, nos últimos 500 anos, tem sido a transferência de recursos genéticos do sul para o norte", Charles sugeriu que teria chegado a hora de o norte industrializado e rico considerar a possibilidade de pagamento de "royalties para materiais biológicos

patenteados, especialmente das florestas tropicais".

O interesse do príncipe pela questão das florestas tropicais e pelo pensamento de José Lutzenberger ficou absolutamente evidente, no final da conferência, quando o secretário do Meio Ambiente foi convidado a acompanhá-lo e a almoçar com ele no Palácio de Kensington.

O príncipe mencionou também a visita que ele e a princesa Diana farão ao Brasil em outubro, a convite do presidente Collor, e disse que quer ouvir mais sobre os planos de desenvolvimento do país e sobre os preparativos para a conferência de 1992, sobre meio ambiente.

A família real e a Amazônia. Um caso de amor de cinco séculos.

Os aplausos do príncipe Charles ao defensor da floresta amazônica podem ser encarados de duas formas: a paixão pela ecologia é um mal de família entre os detentores do poder no palácio de Buckingham, e por outro lado a Amazônia continua a representar um desafio para uma Grã-Bretanha que não apenas dominou os mares do planeta como seus principais rios — o Ganges, São Lourenço, Nilo, Danúbio, Reno, Mississipi, Tigre, Eufrates e tantos outros, com exceção do maior, com exceção do maior, mais misterioso curso d'água do mundo. O rio Amazonas.

A atração da família real inglesa pela Amazônia é tradicional, e consta ter nascido quando um remoto ascendente da rainha Vitória, o rei Henrique VIII, recebeu numa fria manhã do outono de 1531 em seu recém-inaugurado palácio de Whitehall um cacique vestido apenas com um cocar, trazido do delta de Amazonas por sir

William Hawkins (pai do mais famoso comerciante marítimo da era elisabetana). A corte, agasalhada em seda e tafetá, ficou deslumbrada com as vastas florestas do reino do cacique. E sir William, apesar dos elogios da dinastia Tudor, ficou apreensivo: um de seus marinheiros fora deixado como refém ou garantia do retorno do líder indígena, que acabou morrendo depois de prolongada exposição ao frio londrino. O refém, depois de cuidadosas explicações, foi resgatado são e salvo.

Charles, que em 88 proibiu Diana de usar laquê para evitar maiores danos à camada de ozônio, nasceu e cresceu conhecendo o acervo da Real Sociedade Geográfica de Londres sobre a Amazônia (um dos mais completos do mundo, semidesconhecido no Brasil) e do Kew Gardens, que reúne espécies coletadas pelos anglo-saxões desde o século XVIII, através de cientistas como Wallace, Bates e

Spruce. Seu tio Phillip, duque de Edimburgo, foi um dos fundadores do WWF, Fundo Mundial para a Vida Selvagem, em '61 (concebido como uma espécie de arca de noé que atua em 23 países, onde já aplicou cerca de US\$ 120 milhões para salvar a natureza — oriundos de grandes empresas poluidoras multinacionais). E como prova de que o mal é de família, há oito anos as Forças Armadas, tendo à frente o príncipe Andrew, receberam ordens de poupar ao máximo as focas, leões-marinhos, baleias, gaivotas e outros recursos naturais daquela colônia chamada Falklands.

A 14 mil quilômetros de distância de Londres, essas ilhas que os argentinos chamam de Malvinas precisavam ser retomadas — representam a chave para os 14 milhões de quilômetros quadrados da Antártica. Mas sem danos à ecologia.

Randau Marques